

Youtube

1) <https://www.youtube.com/watch?v=9C0cc0-oXfY&t=38s>



2) <https://www.youtube.com/watch?v=4n8lnL-jD5s&t=49s>



1) <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/bruna-alcantara-cria-manifesto-artistico-com-o-lema-maes-tambem-gozam/>

CULTURAIETC.

16 Jul 2022 - 10h00

Bruna Alcântara cria manifesto artístico com o lema “Mães também gozam”

Em entrevista, artista plástica explica que “costura porque foi costurada” e fala sobre a dor e o sofrimento presentes no gozo de mulheres mães

Por **Rogerio Galindo**



Intervenção artística de Bruna Alcântara. Fotos: Divulgação

1) <https://www.metropoles.com/brasil/obra-de-arte-feminista-e-destruida-12h-depois-de-pronta-em-goiania>

Brasil

Obra de arte feminista é destruída 12h depois de pronta em Goiânia

Artista convidada para festival de arte de rua teve a obra vandalizada na região da vagina: "Significativo e muito violento"

Galilery Rodrigues

22/07/2022 13:34, atualizado 22/07/2022 13:34

 Vinicius_Schmidt/Metropoles



saúde



Exausta, mas sem ter como parar

A artista visual Bruna Alcântara, mãe de Iara, 5, criou uma série de obras sobre a maternidade na pandemia, chamada "Mãe Pandêmica". Bruna conta ter encontrado tempo para a arte enquanto "cozinha, lava, passa e cuida de criança". "Estou cansada, exausta. Ainda assim, não existe nenhuma maneira de parar de produzir, criar e matular", descreve ela. Para Bruna, para além do fato de o governo brasileiro, além de não reconhecer a existência da doença e do seu perigo, também não reconhece as desigualdades de gênero como um problema e como uma questão agravada na pandemia. Sobre o ato em isolamento, ela conta: "Admiti que estava sobrecarregada e começando a ter crises de ansiedade e aumento considerável da minha tensão pré-menstrual. Meu filho não se adaptou às aulas online. Decidi não forçá-lo a fazer algo que o abalaria. Ele ficou tímido e chorou nos vídeos em que tentei colocá-lo em frente ao computador para ver a professora e os alunos. O que sinto agora, um ano depois, é que foi a melhor decisão. Ainda assim, vendo que outras crianças se adaptaram, me sinto pressionada por ter falhado com o período de adaptação do meu filho".

Ilustração da série "Mãe Pandêmica", da artista visual Bruna Alcântara

Pandemia deflagra crise do cuidado e põe em risco conquistas femininas

Sem redes de apoio e divisão igualitária das tarefas da casa, mães perdem autonomia e trabalho

Fernanda Mena

SÃO PAULO No pior cenário que imaginei para esta reportagem, ela seria substituída por um anúncio. As repórteres, editoras e personagens do texto que ocuparia este espaço, todas mães, não tiveram condições objetivas, seriam assecuradas para corroborearem a proposta inicial. Foi mal. E o que temos pra hoje? Desencantos, interrupções, gritos e choros que acompanham entrevistas aqui reportadas sugeriam um grau de desânimo e imprevisibilidade capazes de superprender os melhores planejamentos.

Também mãe de crianças pequenas e as vozes com as tentativas de acomodar em 24 horas demandas constantes de três frentes de trabalho (remunerado, doméstico e parental), foi o que foi possível, não sem me sentir devedora e inadequada mesmo dentro do meu evidente privilégio.

Um ano após o início da pandemia do distanciamento social no Brasil, mulheres que têm filhos parecem estar no limite. Sobrecarregadas, exaustas e frustradas, elas perderam a autonomia,

o emprego, o sono ou a cabeça — tudo junto ou em combinações variadas.

Ao fechar creches e escolas e isolar pessoas, a crise socializa global fez cair as redes de apoio que permitiam a essas mulheres ter vida produtiva relativamente independente, ameaçando retroceder conquistas femininas em décadas.

Não surpreende, portanto, que as mulheres tenham sido mais afetadas pela crise global, a ponto de inspirar a expressão em inglês "shecession" (recessão) — algo como "a recessão delas".

Além disso, os setores de alimentos e serviços domésticos, que contratam mais mulheres e mais mulheres negras, foram os mais afetados pela Covid-19, e isso penalizou esses grupos de maneira desproporcional.

Foi assim com Valina Santos, 36, mãe solo de Heloísa, 5, que trabalhava num restaurante estrelado de São Paulo até maio de 2020, quando foi demitida. "Senti uma turbulência por dentro e um medo enorme de falhar como mãe", emociona-se. "Nunca falo sobre isso. Não tenho tempo". Contratada no final do ano

depois de se manter bem acima de 50% ao longo de todos esses anos, segundo dados da Psad (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios).

Para as que conseguiram fazer home office, a sobrecarga do trabalho doméstico cresceu com crianças (e suas aulas virtuais) em casa, colocando parâmetros por parâmetros de produtividade em xeque.

Li as mães que precisaram sair para trabalhar se vieram diante do medo da contaminação e do impasse de não terem com quem deixar os filhos, ou que levaram ao abandono do trabalho ou a demissões.

Além disso, os setores de alimentos e serviços domésticos, que contratam mais mulheres e mais mulheres negras, foram os mais afetados pela Covid-19, e isso penalizou esses grupos de maneira desproporcional.

Foi assim com Valina Santos, 36, mãe solo de Heloísa, 5, que trabalhava num restaurante estrelado de São Paulo até maio de 2020, quando foi demitida. "Senti uma turbulência por dentro e um medo enorme de falhar como mãe", emociona-se. "Nunca falo sobre isso. Não tenho tempo".

Contratada no final do ano como auxiliar de limpeza, Valina hoje permanece a própria mãe para que cuide de Heloísa enquanto ela trabalha. Na volta para casa, se dedica a outros desafios da pandemia materna. "Heloisinha confunde 5 com 2. E professora tem paciência, né? Eu não tenho. Esta sempre cansada", admite. "Queria oferecer opções melhores pra minha filha, mas souzinha é complicado".

Transformadas em arremedos de professoras a contragosto, mães tiveram de sobreviver à jornada tripla a responsabilidade pela escolarização remota das crianças.

porque as mães se pressionam e sobrem pressionadas", diz.

"Planejar e monitorar tarefas requer muita energia do ponto de vista neurobiológico. E fazer isso o dia todo, por tanto tempo, é muito exaustivo. O cérebro humano não está preparado para esse tipo de uso tão prolongado".

Andressa Brito, 38, criadora de conteúdo para mães, diz estar nessa situação. "Tenho filtrado muita coisa para poder focar naquilo que é mais necessário. Se quiser armar tudo no meu HD, vou simplesmente pillar", avisa. "Hoje, eu anoto tudo no planner, só que depois esqueço de olhar".

A pesquisa Women in the Workplace 2020, que a consultora internacional McKinsey realiza anualmente com mulheres que trabalham nos EUA, apontou que as profissionais com filhos se sentem 2,6 vezes menos confortáveis que seus pares homens para compartilhar que têm filhos.

Além disso, elas se preocupam 2,4 vezes mais com o julgamento dos colegas sobre sua necessária dedicação a tarefas de cuidado em casa.

"A tarefa do cuidado é uma dimensão importante da vida, mas é percebida socialmente como perda de tempo. Isso leva mulheres que estão em posição de destaque a serem menos produtivas", avalia Noemí Portno, 49, presidente da Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho (Anamatr), mãe de cinco, sendo dois ainda adolescentes, que passou a cuidar também da mãe de 78 anos durante a pandemia.

"Tudo isso estricte com um pouco de fundo estrutural, algo que a gente não quis, mas que recebe desde que nascemos. Mas resolvemos que vamos viver igualmente no espaço público".

Essa arquitetura patriarcal nosim sobre as mulheres a responsabilidade pela economia do cuidado, tão essencial quanto insível e desvalorizada, agora também insulada pelos constantes chamados de "mamãe?". Só não ouve quem não que.

A multiplicidade de pressões virou de cabeça para baixo a vida dessas mulheres, alterando de maneira determinante as condições objetivas da sua participação no mercado de trabalho.

Segundo a série histórica do relatório da McKinsey, mulheres e homens deixaram postos de trabalho com a mesma taxa até 2020, quando o número de mulheres superou o de homens pela primeira vez. Elas declaram se sentir ansiosas, estressadas e inadequadas diante de expectativas pré-pandêmicas que hoje lhes parecem impossíveis de atender.

"É humanamente impossível cumprir essas tarefas todas, das quais eu tenho cuidado como se fosse o planner do escritório", explica a advogada e psicóloga maranhense Larissa de Oliveira, 37, mãe de Lucas, 5.

"Tem uma redução clara de produtividade, e transmitir para uma vida estritamente doméstica foi difícil. Batalha para ter meu espaço de repouso em um momento que eu não estava planejando para não assumir, até por preconceito. Nossa tendência é emergir o cuidado como algo menor, mas é uma necessidade básica. Se isso não estiver organizado, nada funciona".

Em 2020, apenas 1 a cada 30 das mulheres considerava desacelerar a carreira ou deixar de trabalhar para cuidar da casa e dos filhos. Em 2021, essa proporção foi de 1 a cada 3, considerando esses cuidados.

A sobrecarga por acúmulo de funções é insuperável para as mães de 11 milhões de mães solo do país — maioritariamente pobres e negras.

"Desde março de 2020, estou em home office. De lá para cá, devido ao acúmulo de funções de uma mãe solo que está com o filho fora da escola, pedi demissão do meu em-

3) <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/07/22/obra-de-arte-e-destruida-menos-de-12-horas-depois-de-ficar-pronta-em-goiania.ghtml>

g1

GOIÁS

Artista denuncia que obra de arte de 5 metros de altura foi destruída menos de 12 horas após ficar pronta, em Goiânia: 'Mutilação'

Artista havia sido convidada para criar um mural para o Festival Internacional de Lambe-Lambe. Ela instalou o mural às 11 horas da manhã e às 20 horas ele já havia sido destruído.



Obra de arte é destruída menos de 12 horas depois de ficar pronta, em Goiânia, Goiás — Foto: Arquivo pessoal/Leonardo Mareco e Clenon Ferreira

4) <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/politica-feminismo-e-maternidade-bruna-alcantara-faz-primeira-exposicao-individual-em-curitiba/>

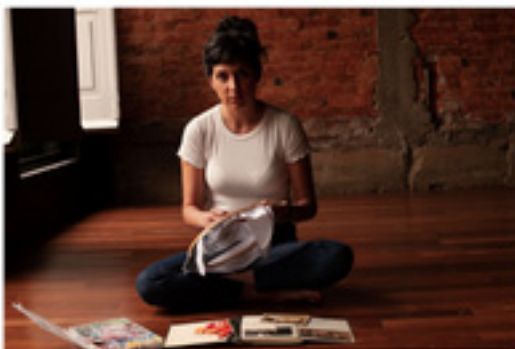
CULTURA

9 set 2021 - 18h43

Política, feminismo e maternidade: Bruna Alcantara faz primeira exposição individual em Curitiba

"Estou usando meu corpo para contar a história de muitas mulheres"

Por Redação Plural.jor.br



Artista visual Bruna Alcantara (Foto: Bruno Santos / Divulgação)

5) <https://alente.com.br/2020/10/01/bordado-e-fotografia-corpo-potencia-e-significacao-na-fotografia-feminista-de-bruna-alcantara/>



SOBRE SEJA UM PARCEIRO FOTOREPORTAGEM NOTÍCIAS VÍDEOS CONTATO

Bordado e Fotografia: Corpo, potência e significação na fotografia feminista de Bruna Alcantara



6) <https://www.nonada.com.br/2023/04/conheca-artistas-que-refletem-sobre-maternidade-e-tensionam-expectativas-sociais/>



Processos artísticos · Políticas culturais · Direitos humanos · Memória e patrimônio · Culturas populares · Comunidades tradicionais

Conheça artistas que refletem sobre maternidade e tensionam expectativas sociais

A escolha da bandeira como suporte para a frase "Mães também gozam" é uma escolha acertada, porque diz que este trabalho é também um manifesto. A artista e jornalista Bruna Alcântara reivindica o direito à sexualidade materna, vista como tabu socialmente. O mote para a artista foi a própria gestação, e a vivência de uma episiotomia durante o parto, um procedimento considerado como violência obstétrica se feito desnecessariamente. A perda do corpo e da autonomia quando se torna mãe, e o gozar não só como orgasmo, mas também como o gozo de direitos e prazeres é o manifesto do trabalho. O rosto que se reivindica aqui é de quem mesmo mãe, ainda se é pessoa, mulher.